

## UMA CARTOGRAFIA CARIOCA DA CULTURA JAPONESA NO INÍCIO DO SÉCULO XXI

Profa. Dra. Elisa Massae Sasaki (UERJ)

### RESUMO:

Se muitas vezes a Cultura Japonesa é mencionada como algo “diferente”, como isso se apresenta e é representada na cidade do Rio de Janeiro? Quais são as manifestações culturais que evocam o Japão nessa cidade? Por sua vez, de que modo o Rio de Janeiro pode contribuir para se pensar sobre o imaginário que se tem sobre o Japão? Tendo essas questões no horizonte, este texto pretende apresentar uma cartografia da cultura japonesa no Rio de Janeiro no início do século XXI.

**Palavras-chave:** Cultura Japonesa; Rio de Janeiro; Brasil-Japão.

### A CARTOGRAPHY OF JAPANESE CULTURE IN RIO DE JANEIRO IN THE BEGINNING OF THE 21th CENTURY

#### ABSTRACT:

If the Japanese Culture is frequently mentioned as something “different”, how is it presented and represented in the city of Rio de Janeiro? Which cultural manifestations evoke Japan in this city? In turn, how does Rio de Janeiro contribute to the thinking of the imaginary of Japan? With these issues in mind, this text will present a cartography of the Japanese Culture in Rio de Janeiro in the beginning of the 21th Century.

**Keywords:** Japanese Culture; Rio de Janeiro; Brazil-Japan.

### *Introdução*

Nas várias tentativas de contemplar as imagens do Japão e de interpretá-las, muitas vezes a relação “tradicional *versus* moderno” é evocada para se referir às várias facetas que a cultura japonesa apresenta. Por sua vez, as várias possibilidades de conjugar o tradicional e o moderno é que faz da “Cultura Japonesa” algo tão fascinante e instigante.

Se muitas vezes a Cultura Japonesa é mencionada como algo “diferente”, como isso se apresenta e é representada na cidade do Rio de Janeiro? Quais são as manifestações culturais que evocam o Japão nessa cidade? Por sua vez, de que modo o Rio de Janeiro pode contribuir para se pensar sobre o imaginário que se tem sobre o Japão?

### *Japoneses no Rio de Janeiro*

Para falarmos sobre a presença japonesa no solo fluminense, é preciso estarmos cientes que a cidade de Rio de Janeiro teve uma importante posição político-administrativa no Brasil enquanto a capital do Vice Reino (1763), do Império (1822-1889) e da República (1889). Essa sua condição cosmopolita de uma cidade portuária, atraiu viajantes, imigrantes, casas comerciais e instituições financeiras e industriais. Em 1895, o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Japão e o Brasil foi assinado em Paris. Coincidentemente, esse Tratado de Amizade entre esses dois países completa 120 anos, em 2015, no mesmo ano que a cidade do Rio de Janeiro comemora os seus 450 anos. Em 1897, a Legação do Japão no Brasil instalou-se em Petrópolis, na região serrana do Rio de Janeiro, longe da febre amarela das áreas de baixadas (COMISSÃO, 2008; MARTINS *et al.*, 2010).

Vale citar alguns precursores da imigração japonesa no Estado do Rio de Janeiro,<sup>1</sup> como Manto Takezawa que chegou ao Rio de Janeiro em 1880 e foi professor de ginástica e jiu-jitsu da guarda do Imperador Pedro II. Um outro personagem relevante foi Wasaburo Ohtake, um importante intérprete de Português-Japonês na relação Brasil-Japão que publicou o primeiro dicionário Japonês-Português no Brasil em 1925 e, em seguida, o de Português-Japonês em 1937, que foram amplamente utilizados pelos imigrantes japoneses no Brasil, fundamentais para a sua inserção e integração na sociedade hospedeira a partir do aprendizado da língua portuguesa (OS PRECURSORES, 2006). Outros nomes como Ryū Mizuno, o “pai da imigração japonesa no Brasil” são mencionados, assim como o de Saburo Kumabe (Macaé) e Yassuburo Yamagata que tinha salinas em Macaé e Cabo Frio onde fundou uma Escola de Pesca em 1911 (INOUE, 2002).

---

<sup>1</sup> A vaga estimativa atual (2010) da população de origem japonesa no Brasil é de 1,6 milhão, sendo que a maior parte, aproximadamente 80% deve se concentrar no Estado de São Paulo e 50% destes devem estar na região metropolitana de São Paulo. Em seguida, 15% devem estar no Paraná e outros 5%, ao longo de todo o país. Dentre esses, estima-se que 16 mil pessoas com origem japonesa residam no Estado do Rio de Janeiro.

Segundo Paganelli (2008), os japoneses residentes na área metropolitana do Rio de Janeiro encontram-se nas regiões tais como na Baixada Fluminense – nos municípios de Rio de Janeiro, Itaguaí, Nova Iguaçu, Belford Roxo, Niterói, São Gonçalo, Guapimirim e Magé. Na região Serrana: Friburgo, Petrópolis, Teresópolis e Cachoeira de Macacu. Na região dos Lagos: Cabo Frio e Macaé. E no município de Resende,<sup>2</sup> localizada na região do Vale do Paraíba. Nessas regiões fluminenses, observamos a formação de núcleos coloniais de imigrantes japoneses que se caracterizam pela existência de associações culturais e/ou esportivas – onde a língua e a cultura japonesa são ou eram reavivadas – e pelas cooperativas que reuniam os imigrantes para a comercialização dos produtos agrícolas cultivados, constituindo-se assim o “cinturão verde” da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Por exemplo, o caqui de Nova Friburgo, o tomate de Santa Cruz e Teresópolis, o quiabo de Piranema, a goiaba do Vale do Rio Macacu (Funchal e Papucaia) são alguns exemplos da produção hortifrutigranjeira desenvolvida pelos imigrantes japoneses que abastecem o Ceasa do Rio de Janeiro.

Muitos dos imigrantes japoneses que se estabeleceram no Estado são provenientes de outras regiões brasileiras, isto é, muitos deles não chegaram ao Rio de Janeiro diretamente do Japão, mas sim, entre as décadas de 1910 e 1930 chegaram ao estado fluminense como resultado de uma intensa mobilidade populacional dentro do próprio país, concomitante ao processo de urbanização e industrialização nas regiões metropolitanas brasileiras. A partir disso, começou-se a formar as comunidades de imigrantes japoneses no Estado do Rio de Janeiro, atraídos pela política de implantação de núcleos coloniais do governo federal na Baixada Fluminense, principalmente nos anos 1930 (INOUE, 2002).

Além da agricultura, vale mencionar o “Ishibrás”, sigla de Ishikawajima do Brasil em 1959, um estaleiro para construção naval de grande porte, na Ponta do Caju, no Rio de Janeiro, e mais tarde instalou-se uma nova unidade em Inhaúma, que, nos meados dos anos 1970, ocupou o primeiro lugar no *ranking* latino-americano de construção naval. Isso fez parte do projeto desenvolvimentista do governo do presidente Juscelino Kubitschek que privilegiava a implantação de novas indústrias de base, como a siderurgia, construção naval e indústria automobilística. Ao longo de três décadas, Ishibrás acompanhou o crescimento econômico do Brasil, contribuindo para a projeção internacional do Japão. Mas nos meados da década de 1980, diante dos efeitos da crise econômica brasileira e mundial, as suas atividades foram reduzindo até cessar em 1994.

Mas, por conta dessa empresa que chegou a ter mais de sete mil operários, a população nipônica em terras cariocas passou a ganhar visibilidade no espaço urbano, como no bairro de Laranjeiras e no seu entorno – Largo do Machado e Flamengo – onde passaram a ter uma grande concentração de moradores de classe média de origem japonesa, assim como o estabelecimento de lojas de comidas e restaurantes, médicos, acupunturistas, jornalistas, etc.. Havia também a Escola Japonesa que se situava em Santa Teresa e chegou a contar com quatrocentos alunos japoneses<sup>3</sup> (COMISSÃO, 2008; MARTINS *et al.*, 2010).

Se antes, por conta de o Rio de Janeiro ter sido a capital brasileira e, portanto, o centro do poder federal se localizava no Palácio do Catete (atual Museu da República), as embaixadas se instalaram próximas a essa região e a japonesa se localizava em Laranjeiras. Depois que a capital do Brasil passou para Brasília, a representação diplomática nipônica continuou no Rio de Janeiro, através do consulado que se situa atualmente na Praia do Flamengo, próximo ao Largo do Machado.

### ***Uma cartografia carioca da cultura japonesa***

Para falarmos sobre a presença japonesa no Rio de Janeiro, norteamos-nos a partir das seguintes hipóteses:

a) A presença do Consulado Geral do Japão no Rio de Janeiro<sup>4</sup> contribui muito para que os eventos culturais japoneses sejam promovidos na cidade carioca, como exposições, apresentações artísticas (performáticas e musicais), mostras de cinema japonês no Centro Cultural Banco do Brasil ou no Caixa Cultural, exposição de *Ikebana* (arranjos florais) no Forte de Copacabana, além de dar todo apoio na recepção de convidados japoneses aos grandes eventos sediados no Rio de Janeiro, como no Rio+20, campeonato mundial de judô, de futebol, recebendo equipes de atletas, além de artistas e

---

<sup>2</sup> Recentemente, em 2013, instalou-se a fábrica de carros da montadora japonesa Nissan em Resende, no sul do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>3</sup> Atualmente, um número bem reduzido de alunos japoneses frequenta a Escola Japonesa que continua em funcionamento no Cosme Velho.

<sup>4</sup> Veja o calendário de eventos no site do Consulado Geral do Japão no Rio de Janeiro: <http://www.rio.br.emb-japan.go.jp/> (acessado dia 25.07.2015).

personalidades ilustres etc., fora os preparativos não só para as Olimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro, mas também para as Olimpíadas de 2020 que será em Tóquio.

Há também os eventos promovidos em conjunto com as instituições culturais e esportivos nipo-cariocas<sup>5</sup> como a Festa do Japão no Aterro do Flamengo; demonstração de *Taiko* (tambores japoneses) etc., sem mencionar a recepção de Akihito, o Príncipe herdeiro do Japão, no Rio de Janeiro em 2008, na ocasião do Centenário da imigração japonesa no Brasil, onde diversas atividades comemorativas foram realizadas. Em outras palavras, há um circuito de eventos de cultura japonesa promovido pelos japoneses estabelecidos na cidade, em conjunto com os órgãos locais e oficiais como o consulado.

b) Mas, além disso, deve-se considerar eventos de cultura pop japonesa, como festas de *anime* e de *cosplay*<sup>6</sup> que acontecem além das fronteiras da comunidade japonesa local. Em outras palavras, se uma parte dos eventos de cultura japonesa no cenário carioca acontece graças à presença nipônica na cidade, uma outra parte acontece independente dela.

### ***Cultura Pop Japonesa no Brasil e no Rio de Janeiro***

Nos últimos cinco anos, foi possível observar que a maioria dos estudantes inscritos nos cursos de Cultura Japonesa de uma universidade pública do Rio de Janeiro, de alguma maneira teve contato com a cultura pop japonesa<sup>7</sup> – como o *anime* (desenho animado), *mangá* (histórias em quadrinho) ou música popular japonesa (basicamente J-pop ou J-rock, como são conhecidos) – que despertaram seus interesses e passaram a querer saber mais sobre o Japão. Os alunos cariocas de diferentes *backgrounds* ou capital social, cultural, educacional e econômico, sendo que etnicamente a grande maioria não tem nenhuma origem japonesa, têm em comum o fato de terem assistido os desenhos animados japoneses<sup>8</sup> veiculados na televisão aberta e/ou TV a cabo durante a sua infância e adolescência (logo, ao longo dos anos 1990 para cá) e que marcaram toda essa geração de jovens. Como Sandra Monte (2010) observou, diversos desenhos animados japoneses vieram ao Brasil nas décadas de 1970 e 80. Mesmo com VHS dos anos 80/90, DVD dos anos 2000, a internet e agora o Blu-Ray, a TV – especialmente aberta – foi e continua sendo peça fundamental para o sucesso dos animes em todo o país.

Em 2011-2012, foi realizada uma pesquisa intitulada “*Japanese language as the networking ties*” que teve como objetivo elucidar o papel da língua japonesa enquanto ‘laço’, isto é, em que medida a língua japonesa contribui para formar comunidades fora do Japão, como na China, Coreia, Indonésia, Taiwan e Brasil. Nessa ocasião, pesquisas de campo foram feitas nas cidades de Rio de Janeiro (RJ), São Luís (MA) e Fortaleza (CE).<sup>9</sup> Nessa pesquisa, entrevistou-se, dentre outros, um jovem então produtor de eventos de cultura pop japonesa na cidade do Rio de Janeiro que realizou um mapeamento dos eventos de anime no Brasil. Segundo o seu levantamento, no final da primeira década do século XXI, reconheceram 50 coordenadores em todo o país, contabilizou 196 eventos de anime no Brasil por ano, com um público expectador de 17,5 milhões nesses eventos, que representa, portanto, quase 10% da população total do Brasil, estimada em mais de 190 milhões, de acordo com o Censo Demográfico de 2010 do IBGE (IBGE, 2011). Pode-se considerar um dos maiores públicos do mundo, mais do que a China e a Europa, embora a França e a Itália tenham muita força em termos de eventos japoneses.

Por sua vez, esse *boom* de cultura pop japonesa no Brasil, sem contar noutros países, a partir do início do terceiro milênio, somado ao desenvolvimento tecnológico na comunicação através do acesso e a popularização da internet, traz não só novas formas de sociabilidades, mas também novos desafios para o ensino de língua e cultura japonesa, uma vez que o perfil dos alunos que procuram essas disciplinas foi mudando. Num primeiro momento, o ensino de língua e cultura japonesa era feita, considerando o

---

<sup>5</sup> Por exemplo, a Associação Cultural Esportiva Nipo-Brasileira do Estado do Rio de Janeiro (*Renmei*), localizada no centro da cidade de Rio de Janeiro e que congrega 24 associações nipo-fluminenses, como o Instituto Cultural Brasil-Japão (ICBJ): <http://www.icbj.com.br/>, que se localiza no Castelo, e a Associação Nikkei do Rio de Janeiro: <http://nikkeirj.com.br/>, no Cosme Velho (acessado dia 25.07.2015).

<sup>6</sup> Veja por exemplo, a agenda de eventos de anime no Rio de Janeiro nos sites e comunidades virtuais como: Anime Family: <http://www.animefamily.com.br/>; Anime Pocket RJ: <https://www.facebook.com/animepocketrj?ref=ts>; Carioca Anime 2015 (evento): <http://www.cariocaanime.com.br/>; Eventos de anime RJ (comunidade no Facebook): <https://www.facebook.com/pages/EVENTOS-DE-ANIME-RJ/181447678598032?ref=ts>; dentre outros (Acessado dia 25.07.2015).

<sup>7</sup> Sobre a cultura pop japonesa, veja por exemplo: Richie (2003); Gravett (2006); Sato (2007); Lourenço (2009); Soares (2009); Luyten (2011); Medeiros (2011); Nagado *et al.* (2011); Winterstein (2011); Greiner & Souza (2012); Neves (2012); Okano (2012); Soares (2012).

<sup>8</sup> Como: Pokémon; Inuyasha; Transformers; Yu-Gi-Oh!; Sailor Moon; Os Cavaleiros do Zodíaco; Shurato, Samurai Warriors; Dragon Ball; Yu Yu Hakusho; Samurai X; Naruto; etc.

<sup>9</sup> Essa pesquisa foi realizada pela Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio (TUFS), em conjunto com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com financiamento do *Japan Society for the Promotion of Science* (JSPS), um órgão do Ministério da Educação, Cultura, Esporte, Ciência e Tecnologia do Japão (MEXT).

japonês como língua materna, ou a primeira língua que um descendente (filhos, netos) irão ou iriam adquirir, e depois a língua da região hospedeira, no caso, o português do Brasil.

Mas juntamente com o “Movimento Dekassegui”, isto é, migração de brasileiros descendentes de japoneses entre o Brasil e o Japão a partir do final da década de 1980, que tem experimentado diversas fases nesse fluxo migratório que de alguma maneira continua nos dias de hoje, isto é, 2015. Isso nos permite considerar uns 30 anos de idas e vindas entre o Brasil e o Japão, desdobrando os seus efeitos em várias dimensões das relações sociais interconectadas, como no ensino de língua e cultura japonesa no Brasil. Atualmente, muitos dos alunos não têm origem japonesa, mas atraídos pelo mundo pop japonês, procuram os cursos de Japonês disponíveis no Rio de Janeiro e arredores (Niterói, Baixada, Região Serrana etc.), através do ensino superior ou frequentando cursos de idiomas, como o Kumon e aqueles oferecidos nas associações culturais e esportivas nipo-brasileiras. Como lidar com essa nova realidade? Por um lado, observamos que o mundo pop contemporâneo tem sido a porta de entrada para muitos que se interessam pelos outros aspectos da cultura japonesa.

Por sua vez, isso nos faz repensar sobre a relação entre a “migração” e a “cultura pop japonesa no Brasil”, isto é, a forma de se relacionar – objetivamente e subjetivamente com o mesmo Japão é diferente, sob perspectivas, critérios e registros distintos. Claro que os brasileiros descendentes de japoneses também tiveram contato com *mangá* e *anime* ao longo de suas vidas, mas o fato de ter origem étnica e cultural japonesa, a sua relação consanguínea, biológica, psicológica, emocional e simbólica com a terra de seus ancestrais, fez com que mergulhasse num contexto focado na “colônia japonesa” e a sua relação com a sociedade brasileira ou local, por bem ou por mal, tendo no horizonte a manutenção da identidade japonesa idealizada pelas primeiras gerações, com a preocupação de perpetuar o legado nipônico ou “*Yamato damashii*” (o “espírito japonês”), que inevitavelmente trouxe muitos conflitos em várias dimensões. Mas o próprio Japão mudou e a massificação da cultura pop japonesa não deixa de indicar tais transformações.

### **Considerações finais**

Essas mudanças, dentre outras, indicam que a(s) “Japonesidade(s)” no Brasil, não se limitam mais tão somente à comunidade japonesa no Brasil, que até então acreditava, com razão, ser a representante legítima da cultura japonesa no país. Como Machado (2011) discute, há, entretanto, múltiplas possibilidades de se abordar a(s) Japonesidade(s) no Brasil que ficaram claras ao longo das comemorações do centenário da imigração japonesa no Brasil, em 2008: os eventos, exposições, debates, publicações etc. contribuíram para dar uma grande visibilidade aos japoneses no Brasil ou à relação Brasil-Japão que tem suas peculiaridades, diferenças internas, de representatividades, multiplicidades, mas que em comum acreditam na manutenção da chamada “cultura japonesa”.

A difusão massificada da cultura pop japonesa no Brasil tem ocorrido através de outros canais como a televisão, vídeos e internet, isto é, mídia ou a comunicação em massa, junto com a tecnologia informacional e o consumo de *anime*, *mangá*, música assim como os inúmeros produtos comercializados (SEVERIANO & ESTRAMIANA, 2006) – ou então podemos dizer em termos de processo de reificação e de comoditização da produção cultural na sociedade contemporânea – veio a influenciar toda uma geração de jovens brasileiros, não mais necessariamente através da mediação da colônia japonesa no Brasil, embora haja, claro, áreas de intersecção e de sobreposição.

### **Bibliografia**

- COMISSÃO para elaboração do livro comemorativo dos 100 anos de imigração japonesa no Estado do Rio de Janeiro e do ano de intercâmbio Brasil-Japão. *Os cem anos de imigração dos japoneses no Rio de Janeiro*. 2 volumes: versão em português e em japonês. São Paulo: Editora Nippak Graphics, 2008.
- GRAVETT, Paul. *Mangá – Como o Japão reinventou os quadrinhos*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006.
- GREINER, Christine & SOUZA Marco (Orgs.). *Imagens do Japão – experiências e invenções*. São Paulo: Annablume, Fundação Japão, 2012.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). “Censo demográfico de 2010”. 2011. <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm> (acessado dia 11/07/2013).
- INOUE, M. F. M.. “*Do outro lado nasce o sol: o trabalho dos japoneses e seus descendentes no Estado do Rio de Janeiro*”. Tese de Doutorado em Sociologia, FFLCH, USP, São Paulo, 2002. 2 vols.
- LOURENÇO, André Luiz Correia. “*Otakus: construção e representação de si entre aficionados por cultura pop nipônica*”. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2009. Disponível online: [http://teses2.ufrj.br/Teses/PPGAS\\_D/AndreLuizCorreiaLourenco.pdf](http://teses2.ufrj.br/Teses/PPGAS_D/AndreLuizCorreiaLourenco.pdf) (acessado dia 30/03/2012).
- LUYTEN, Sônia. *Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses*, São Paulo: Hedra, 2001.

MACHADO, Igor J. R. (Org.). *Japonesidades multiplicadas – novos estudos sobre a presença japonesa no Brasil*. São Carlos (SP): EdUFSCar, 2011.

MARTINS, Ismênia de Lima; INOUE, Mariléia F. M.; MIZUBUTI, Satie e PAGANELLI, Tomoko Iyda. “A imigração japonesa no Estado do Rio de Janeiro”, in TUCCI CARNEIRO, Maria Luiza e TAKEUCHI, Marcia Yumi (orgs.) – *Imigrantes Japoneses no Brasil – trajetória, imaginário, memória*. São Paulo: Edusp, 2010, p.149-183.

MEDEIROS, Aluizio. “Mangá, Animê, Cosplay e J-rock: Cultura pop japonesa do litoral ao sertão”, in MOTTA, Antonio (org.) – *O Japão não é longe daqui*. Recife: Ed. UFPE e Toquio: Japan Foundation, 2011, p.117-135.

MONTE, Sandra. *A Presença do anime na TV brasileira*. São Paulo: Editora Laços, 2010.

NAGADO, Alexandre; MATSUDA, Michel; e GOES, Rodrigo de. *Cultura Pop Japonesa – histórias e curiosidades*. 2011. Disponível online: <http://nagado.blogspot.com.br/2011/12/cultura-pop-japonesa-e-book-gratuito.html> (acessado dia 22/02/2012)

NEVES, Mauro. “As origens do J-pop e a sua diversificação: algumas reflexões”, in GREINER e SOUZA (Orgs.), *Op. Cit.*, 2012, p.85-100.

OKANO, Michiko. “A imagem do Japão contemporâneo”, in: GREINER e SOUZA (Orgs.), *Op. Cit.*, 2012, p.127-147.

*OS PRECURSORES do Kasato Maru*. São Paulo: Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, 2006.

PAGANELLI, Tomoko Iyda. “Resgate de uma história – os japoneses no Estado do Rio de Janeiro”, in SAKURAI, Célia & COELHO, Magda Prates (orgs.) – *Resistência e integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2008, p.103-107.

RICHE, Donald. *The image factory: fads & fashions in Japan*. London: Reaktion Books, 2003.

SATO, Cristine A.. *Japop – o poder da cultura pop japonesa*. São Paulo: NSP-Hakkosha, 2007.

SEVERIANO, Marina de Fátima Vieira e ESTRAMIANA, José Luís Álvaro. *Consumo, narcisismo e identidades contemporâneas – uma análise psicossocial*. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2006.

SOARES, Bruno da Silva. “Os eventos de anime e a difusão da cultura japonesa”. Monografia de Graduação em Letras, Bacharel em Letras, Português-Japonês, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, 2009.

SOARES, Gabriel Theodoro. “Cosplay: quando a realidade virou fantasia e a fantasia virou realidade”, in: GREINER & SOUZA (Orgs.), *Op. Cit.*, 2012, p.197-211.

WINTERSTEIN, Cláudia. “Otakus e Cosplayers – J-pop e japonesidades”, in MACHADO (Org.), *Op. Cit.*, 2011, p.143-159.